issuu-downloader.com

Editorial

Fome e desperdício

O Brasil tem conquistado mercados internacionais e abastecido inúmeros países com produtos que saem das nossas lavouras. Estamos entre os cinco maiores produtores mundiais de alimento e atualmente detemos a posição de principal exportador de café, carne bovina e outros inúmeros produtos.

As nossas condições de produção são execelentes, nosso clima e nosso solo são favoráveis à produção de comida e, só não somos a maior potência produtiva porque ainda esbarramos nos subsídios pagos aos produtores de países como os Estados Unidos e Austrália.

Enquanto abastecemos o mundo, milhares de brasileiros convivem diariamente com o maior de todos os problemas sociais - a fome

O governo, nesse momeento, tem comemorado as contas do agronegócio brasileiro, que mês após mês tem fechado com superávit. Hoje, o campo é a salvação da lavoura para a economia nacional.

Mas enquanto abastecemos o mundo, milhares de brasileiros convivem diariamente com o maior de todos os problemas sociais - a fome.

Nosso mapa famélico é tão extenso que as pesquisas são contraditórias na contagem do contigente dos excluídos de comida.

É estapafúrdio um país como o Brasil conhecer o número de animais do rebanho bovino, que hoje é de 170 milhões de cabeças e não ter uma uma base númerica para se criar programas que efetivamente combatam a fome nacional.

A fome verdadeiramente invade o estômago de milhares de brasileiros e pior, todos os dias, uma quantidade enorme de comida, em condições de reaproveitamento, alimenta uma outra boca- a do lixo! Todo esse processo coloca o Brasil entre os países que mais desperdiçam alimento em todo o mundo.

Na contramão, o atual governo sustenta a bandeira do Fome Zero, principal mote das campanhas de Luiz Inácio Lula da Silva para alcançar a presidência. O projeto foi lançado no iníco do ano e criou uma comoção nacional. A proposta do presidente é que até o final do mandato ele consiga alimentar com três refeições diárias quem convive com a falta de comida.

Hoje o Fome Zero já apresenta alguns casos de má distribuição do que é arrecadado, falsificação dos cartões de alimentação e o mal uso dos recursos em espécie. Há quem não acredite na concretização dos ideiais pró-comida. Enfim, alimentar nosssos fa-mintos tem sido uma luta árdua.

Porém, se o governo peca em alguns critérios de gerenciamento do Fome Zero, a sociedade civil organizada cria ações para fazer a comida chegar até quem necessite.

Nesta edição, o **Revelação** aborda como algumas dessas ações têm ajudado milhares de famílias. A exemplo, o Vitasopa, um projeto de reaproveitamento alimentar que tem matado a fome na região metropolitana da capital mineira.

Todos os programas podem minimizar a falta de alimento mas ainda não são suficientes. É necessário que o governo reveja as leis de doações, invista na capacitação dos trabalhadores e que principalmente, combata a fome de maneira correta. A fome não é gerada pela falta de alimento mas sim pelo círculo vicioso da má distribuição de renda no Brasil.

Terapia Ocupacional

Uma profissão em expansão

Da assessoria de imprensa

A Terapia Ocupacional é um campo de conhecimento e intervenção em saúde e educação que reúne tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia de pessoas que apresentam, por razões ligadas a problemáticas específicas (físicas, sensoriais, mentais ou sociais), temporária ou definitivamente, dificuldades na inserção social. O principal instrumento de intervenção do terapeuta ocupacional é a atividade humana, em suas diferentes modalidades. A Terapia Ocupacional busca a melhoria na qualidade de vida de pessoas vítimas de condições biológicas, psicológicas, sociais e históricas que ameaçam seu bem-estar e equilíbrio

A Terapia Ocupacional busca a melhoria na qualidade de vida de pessoas vítimas de condições que ameaçam seu bem-estar e equilíbrio

O Terapeuta Ocupacional atua em promoção, prevenção e reabilitação, com enfoque nas seguintes áreas: *Física* (neurologia, ortopedia/traumatologia e reumatologia); *Mental* (deficiência mental e saúde mental/psiquiatria); *Social* (abuso infantil, violência doméstica, presidiários, marginalizados em geral) e *Educação* (educação popular, educação para cidadania, educação inclusiva, questões gerais ligadas à aprendizagem).

O profissional pode atuar em atividades clínicas, educativas e de pesquisa em serviços como postos de saúde, ambulatórios, clínicas especializadas, hospitais gerais, centros de reabilitação física e/ou mental, creches, asilos, presídios, centros comunitários, empresas, domicílios, universidades.

Apesar de ser uma profissão jovem no Brasil, especialmente em Uberaba, a Terapia Ocupacional é uma profissão que se encontra em franca expansão, contando com expressivo campo de atuação e um número restrito de profissionais da área, fatores que favorecem a absorção dos mesmos no mercado de trabalho.

No dia 13 de outubro se comemora o dia do Terapeuta Ocupacional. Parabéns a todos os profissionais, alunos e docentes do município e região. (Direção do Curso de Terapia Ocupacional - UNIUBE)

Estudante de Jornalismo é premiado em Porto Alegre

Da assessoria de imprensa

Pelo segundo ano consecutivo, o estudante de Jornalismo da Uniube, André Azevedo da Fonseca, foi premiado em duas categorias no SET-Universitário, um dos principais congressos de Comunicação do país, realizado anualmente na Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). A mostra competitiva recebe trabalhos de alunos de Jornalismo, Publicidade & Propaganda e Turismo de dezenas de faculdades de todo o Brasil.

O texto "Taxímetro do Prazer" foi o vencedor na categoria Crônica; e "A última valsa de Roberto Furacão" venceu na categoria Artigo. Ambos os textos haviam sido já publicados no **Revelação**. No ano passado, neste mesmo congresso, o estudante também foi o vencedor dessas duas categorias.

A lista de todos os vencedores está disponível no *CyberFam*, a revista virtual da Famecos: (http://cyberfam.pucrs.br). Quem quiser conferir os textos, basta acessar o portfolio on line do estudante, no *site* do Revelação (www.revelacaoonline.uniube.br/portfolio)

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Grandes escritores

“A literatura nos faz múltiplos”

Em uma defesa apaixonada da palavra, Alcione Araújo navega de Homero a Norman Mailer para saudar o poder das narrativas

André Azevedo da Fonseca
4º período de Jornalismo

Alcíone é uma ave fabulosa, que voa muito alto, normalmente sobre vastos oceanos. Segundo a antiga mitologia grega, o mar permanece sereno enquanto esses pássaros tecem seus ninhos nos rochedos. Já o escritor Alcione Araújo, autor do monumental romance *Nem mesmo todo o oceano (Record, 1998)*, tem o dom oposto de provocar turbulências literárias e filosóficas em outros mares. Nessa entrevista concedida ao **Revelação**, o autor de 12 peças teatrais (como *Há vagas para moças de fino trato; Caravana da Ilusão)* e 13 roteiros de cinema (como *Pátria Amada; Policarpo Quaresma)* flutua na Poética e na Antropologia, submerge em Sócrates e Homero, engolfa-se na arte e na cultura de massa, mergulha na História da Educação e navega pelas ondas da literatura e do jornalismo. O autor esteve em Uberaba na noite de 9 de outubro para participar do projeto *Tim Estado de Minas Grandes Escritores*, em parceria com os programas Pró-ler e ArtEducação. A entrevista a seguir foi gravada no saguão do Hotel Tamareiras, às 11h15 da manhã, na presença de Olga Frange, coordenadora do ArtEducação em Uberaba.

Revelação: Com tanta coisa real acontecendo, por que ainda precisamos de inventar histórias para refletir sobre a condição humana?

Alcione Araújo: Pergunta interessante, não sei se você vai ter espaço para isso. Sabe-se hoje que o homem não se satisfaz na moldura de sua existência pessoal, de sua existência individual. Então ele precisa de histórias. As histórias foram e são contadas em muitos lugares e de diversas maneiras, inicialmente pela história oral. Homero, por exemplo, foi um poeta que criou no século 8 A.C., mas sua obra só foi escrita no século 6 A.C. Portanto, era literatura oral, até então. Inclusive a autoralidade do Homero, na verdade, é uma contribuição, porque na literatura oral você contava a Ilíada, por exemplo, e aí as pessoas que ouviam e davam sua contribuição pessoal na hora que contavam pra alguém. E esse processo é cumulativo, cada pessoa tem seus filtros. Duzentos anos depois da morte de Homero, quando a Ilíada foi publicada, ela tinha a contribuição de todos os cantadores que a relataram. A obra publicada é atribuída a Homero por generosidade, por um reconhecimento tardio. Mas é uma obra de criação coletiva, efetivamente.

O homem não se satisfaz na moldura de sua existência pessoal, de sua existência individual. Então ele precisa de histórias

Hoje a Psicanálise me dá essa informação de que através das narrativas – de qualquer forma que sejam feitas – eu consigo agregar, à minha vida, vivências que eu não vivi. E aí é como se eu me transformasse em múltiplos, vivendo uma possibilidade que nunca me ocorreria na vida. Vou te exemplificar. Imagine a situação em que um homem mate uma pessoa. Digamos, um crime passional, o sujeito mata a esposa. Se você fizer um filme, uma peça de teatro ou um romance com essa situação, você vai ver: a pessoa faz o gesto; no momento seguinte percebe que se trata de uma pessoa que ele amava; no momento seguinte ele se depara com a irreversibilidade do que ele fez, e o primeiro gesto é tentar reanimar a pessoa! E ele se surpreende de que não tem volta! Aí ele cai em um desespero profundo! E começa inclusive a agredir a pessoa morta, para que ela volte!

Pois bem. Uma experiência dessa, se você fizer um filme – na suposição de que você não vá matar ninguém... (risos) – você vai ter a vivência do desespero de quem acabou de matar! E você vai viver duas emoções: primeiro a morte da pessoa, depois o arrependimento subsequente. Essa experiência, de matar uma pessoa, você nunca viverá. Pelos menos nós contamos com isso. No entanto você vai trazer para a sua existência pessoal aquela experiência de terceiros que você leu. Portanto, você agrega não apenas a cena e a emoção e o impacto que você viu naquilo, como agrega também os valores éticos que estão presentes em atitudes tão arbitrárias como é eliminar a vida alheia.

Portanto, é verdade que a arte te possibilita adquirir vivências que você não viveu. Você passa a ter o sentimento daquele momento, quer seja de quem morreu, quer seja de quem matou. E isso é indispensável ao homem. Sempre se achou que o homem gostava de ouvir histórias pela mera aventura, pelo encantamento da história em si, das mil e uma noites de Sherazade, que tinha de contar histórias para não ser morta. Se o Sultão não acreditasse na história dela, ele a mataria! Então ela tinha que contar uma história habilidosa, inventiva, cheia de peripécias.

Portanto, à exceção de Sherazade, que foi colocada nessa situação-limítrofe, todas as pessoas procuram as histórias para enriquecer sua experiência de vida e para ver como vive o outro. A história também revela a alteridade – que é como eu encontro o outro em mim, como eu acolho o outro em mim. E com isso eu me enriqueço, na minha vida, com a experiência do outro. Não do acontecimento, da ação; mas da personagem. É por isso que o homem precisa de histórias – e precisa de histórias de sua época, não bastam as histórias do passado. É claro que sempre será importante contar a história de Édipo Rei, mas é importante contar as histórias de hoje também.

André Azevedo da Fonseca

Alcione Araújo esteve em Uberaba para participar do projeto Tim Estado de Minas Grandes Escritores

Revelação: Sócrates dizia que a escrita é prejudicial porque, ao registrar as histórias em livro, deixaríamos de incentivar os jovens a treinar a memória. Tanto é que ele nunca deixou nada escrito.

Alcione: Teria sido uma pena se Platão não resolvesse fazer o registro, porque nós não chegaríamos a ele. Nós teríamos perdido muito, como aconteceu com outros filósofos, ou os pensadores das culturas ágrafas, que não tendo registro – como esses pensadores orientais, por exemplo – desapareceram completamente. E nós perdemos essa contribuição. Por exemplo, no nosso caso, no Brasil, nós desdenhamos a contribuição indígena e negra. Eram duas culturas ágrafas. A contribuição delas se diluiu.

Revelação: A que você atribui essa desvalorização da cultura oral?

Alcione: Deu-se no Brasil um fracasso do projeto jesuíta com os índios. Quando os negros chegaram, os jesuítas nem olharam para eles. Não há registro de qualquer tentativa de pedagogizar a cultura negra – nem mesmo de catequizar , porque com os índios eles tentaram. Então nós desdenhamos essas duas culturas. Os europeus jesuítas e os europeus seculares que vieram ao Brasil criaram uma educação européia. E os que estavam aqui – hoje a gente sabe que a milênios esses índios estavam aqui – e mais os negros que vieram ficaram à margem do processo educacional – o por decorrência, do processo cultural.

Através das narrativas, eu me transformo em múltiplos e vivo possibilidades que nunca me ocorreriam na vida

A visão protestante era diferente. O Martin Lutero, nas 99 proclamações, disse que o fiel tem que ter contato direto com a palavra de Deus. E esse contato direto é ler a Bíblia. Então, precisa ser alfabetizado! Assim, ao contrário daqui, um país de influência católica, a civilização norte-americana nasce alfabetizada. Nós não! A cultura católica tem o intermédio de um sacerdote. Basta que você ouça o sermão, que é a interpretação que ele faz da Bíblia. Então isso fez com que a religião – que é na verdade a estrada por onde a cultura caminha – ao não impor a exigência de saber ler, gerasse um estado de preguiça e falta de curiosidade em relação a leitura. Foi o que aconteceu conosco.

Revelação: Programas de *reality show* pretendem fazer dramaturgia ao editar situações criadas e encenadas por não-atores. Isso pode ser considerado um caminho da nova dramaturgia?

Alcione: Não. Isso é um caminho da televisão. Só não é uma nova dramaturgia. Porque não há construção. A dramaturgia é uma construção. É uma coisa artificial tanto quanto a arte. A arte é um artifício. Nada mais artificial do que a ópera: você canta uma ária pedindo para alguém fechar uma janela! Mas ela é arte. Então não é reprodução da realidade, é uma ampliação sonora, de encantamento através do som, e de uma narrativa dramática, mas que a

issuu-downloader.com

ênfase é sonora. Não é reprodução realista da vida. A arte é portanto uma criação que tem forma, tem rigor, tem preparação. O *reality show* é na verdade um comportamento espontâneo. Não tem criação nenhuma.

Revelação: Mas o *reality show* tem regras de seleção, edição, são desenvolvidos enredos...

Alcione: Mas aí é manipulação do comportamento espontâneo.

Revelação: Essa manipulação não pode ser criativa e artística?

Alcione: Não creio, porque na dramaturgia, no ocidente, deu-se o seguinte: (pausa pra pensar...) Quando Aristóteles escreveu a Poética, todos os dramaturgos gregos já tinham morrido. Os dramaturgos viveram todos até o século 5 A.C., e Aristóteles é do século 4 A.C. – eles já haviam morrido há cem anos. E a Poética, na verdade, é uma súmula das tragédias, onde Aristóteles percebeu incidências e construções que eram comuns, e a partir dali tirou as regras. Ele não era dramaturgo, a Poética foi a leitura dele, o filtro dele que fez isso. Agora, a referência de Aristóteles que serviu para a construção dramática é uma referência equivocada.

As contruções dramáticas deveriam surgir não da Poética de Aristóteles, mas da Antropologia

Revelação: Aristóteles estava equivocado?

Alcione: Não, mas quem o seguiu. Porque Aristóteles era um filósofo. E ele colheu uma experiência da Grécia num determinado momento exclusivo do século 5 A.C. Na verdade, todo o pensamento grego foi formulado naquele século – um tempo meio mágico na História do homem, absolutamente excepcional! Foi esse período que sedimentou todo um legado da cultura ocidental.

Mas deixar um filósofo como sendo a referência para as construções dramáticas até hoje – *a-té-ho-je!* – consagrou-se um erro. Porque na verdade as construções dramáticas deveriam surgir não da Filosofia, mas da Antropologia.

Revelação: Por que?

Alcione: Porque a Antropologia é que estuda as crenças, os valores e como se dão os pactos de convivência social. Cada cultura tem o seu pacto. Em uma determinada cultura há ciúmes – que é um sentimento de posse. Fazem-se inúmeras construções dramáticas a partir do ciúme. Uma outra cultura não tem ciúmes, mas tem uma outra característica no pacto de convivência, e então você vai usar outras referências na construção dramática. Portanto é a Antropologia que nos informa sobre isso.

Então, o que vemos no *reality show*? Não há nenhuma construção que tenha vindo da Antropologia. É uma produção de entretenimento! Tenha sempre em conta que televisão não é arte. É parte da indústria de entretenimento. Ela é capaz de gerar cultura de massa, mas ela não gera arte. O processo de produção dela é a negação da arte.

Revelação: Qual é a incompatibilidade?

Alcione: A arte vem de um gesto livre, expontâneo e gratuito do artista. Eu escrevo por absoluta necessidade de escrever. Porque se eu não escrever, eu feneço. Eu passei essa semana viajando e fico escrevendo à mão no hotel, até de madrugada, porque eu não consigo deixar de escrever. Mas é gratuito esse gesto! É uma observação pessoal!

A indústria de entretenimento não é gratuita. É uma receita que persegue uma audiência, que tem regras fixas. Ele quer chegar à classe A, B, C, e D, e E, conhece seus valores, esses dados estão lastreados em 25 anos de pesquisas onde a emissora sabe perfeitamente o comportamento de cada classe, em cada dia da semana e que tipo de programa vai atender a ele. A televisão funciona como um intermediário entre a agência de propaganda, que quer anunciar o seu produto, e a audiência. Então ela vai compatibilizar o produto a ser vendido, daquele mercado. Ele vai produzir um programa que atenda ao produto e que atenda ao consumidor. Então é completamente fechado.

Revelação: Esse discurso não está muito apocalíptico?

Alcione: Não, não...

Revelação: ...você acha mesmo que não é possível fazer arte nenhuma sob os sistemas de condicionamento da cultura de massa?

Fotos: André Azevedo da Fonseca

Atriz do projeto ArtEducação, de Uberaba, interpreta personagem da peça "Há vagas para garotas de fino trato", de Alcione Araújo

Alcione: Sim, acho que pode. Eu estou me referindo aos *reality shows*, uma produção concreta, de emissoras concretas, que estão numa competição brutal por audiência. Mas é possível fazer arte na televisão sim. O canal *Arté*, na França tem coisas geniais. Mas seu propósito não é disputar audiência, mas buscar uma forma de fazer arte na televisão. Então eles fazem coisas extraordinárias.

Por que não se pode fazer uma televisão melhor e mais criativa? Não é porque a TV seja algo ruim, e os caras perversos. É porque nas franjas da sociedade, a baixa escolarização faz com que a sua sensibilidade seja muito grosseira, uma sensibilidade de baixo instinto. Então é uma questão mercadológica, e não de natureza estética. Nem é um preconceito contra o veículo, mas é isso que acontece. E olhe como é grave: um dos pilares fundamentais do capitalismo é que a concorrência melhora a qualidade do produto. Não é assim? O que se passa no Brasil com a televisão? Tínhamos um canal hegemônico. Quando se começa a esboçar uma competição, tendo uma audiência de baixa escolarização, na verdade a programação do baixo instinto é que chega a essa audiência. Então você acaba de destruir um pilar do capitalismo, porque a concorrência piora a qualidade do produto!

A TV é capaz de gerar cultura de massa, mas não gera arte. Seu processo de produção é a negação da arte

Desde os gregos, desde Shakespeare – desde sempre! – a arte é um aprofundamento da experiência de estar no mundo. É você descer no ser humano até onde for possível, é um mergulho na vida. O ser humano é um ser complexo, cheio de sutilezas. É um ser que deve ser valorizado em sua singularidade. Cada ser é único, essa é sua riqueza, por isso somos todos tão preciosos. Essa banalização do amor, da violência, do sexo, da solidão, essa banalização da vida que a gente vê na TV é a própria negação da arte. A vida passa a perder importância.

Revelação: Escritores costumam alegar que a ficção é capaz de alcançar a verdade de forma mais intensa e profunda que o jornalismo. Por quê?

Alcione: Porque a ficção tem a emoção, e eu faço na ficção uma reconstituição criativa que é mais precisa que a que o jornalismo faz. Você, aqui, como jornalista, pede meu testemunho retórico. Nós estamos conversando e o que pode haver é uma emoção de eu estar falando com um jovem fazendo perguntas inteligentes, e você pode estar sentindo que fala com um cara que escreve, que pensa algumas coisas que você pode estar de acordo. Mas há um afastamento, porque nós não criamos essa situação intencionalmente. Quando eu crio intencionalmente, eu faço com que essas turbulências de nosso encontro sejam também externadas. E aí fica muito mais preciso e apreensível o que está se passando entre nós. Porque nós não estamos deixando transbordar tudo por causa de nosso pacto de convivência, do cerimonial dessa relação. Não é como eu faria em uma cena de uma obra de arte, onde eu vou exteriorizar tudo isso que estamos ocultando – e que o texto de jornal vai ocultar. Aí a obra fica mais verdadeira.

Lá na obra de arte eu construo para obter esse resultado. Eu exteriorizo essas emoções. Vamos fazer um filme que tem lá um jornalista e um escritor: todas as nuanças eu ponho pra fora. Eu mexo a câmera, faço um detalhe em você, faço detalhes do que você está escrevendo, aí eu pego o escritor, aí os olhos deles ficaram úmidos, eu faço um *close* nos olhos, e mostro todas as emoções que os envolvem. Isso é muito mais verdadeiro do que está acontecendo aqui. Isso não é falsear!

Revelação: Você acha possível que o jornalismo se aproprie de recursos literários para tornar a narrativa mais expressiva?

Alcione: Os americanos fazem um jornalismo que não é exatamente a questão da literatura, mas é de apreender a emoção que circula. Quer dizer, se for relatar para o jornal um acidente de automóvel, o jornalista tende a dizer a placa, a cor do carro, quantas vítimas, etc. O outro cara, digamos que pratique o *new journalism*, ele vai chegar e descrever a vítima que está agonizando: ele começa dizendo que o cara está assim, a boca está assim, o sangue escorria, e no entanto notei que havia uma aliança no bolso dele, ele estava sem um sapato, a meia vermelha, a sola furada, e vai fazendo uma descrição humana de uma vítima do acidente, e aí tem uma emoção porque ele singulariza uma pessoa, quase como se desse um *close*, e depois passa para outra, aí ele vai contando o acidente... quando ele descreve que o carro estava a 90km/h, isso deixa de ser uma quantidade e passa a ser um fato emocional! Porque a quantidade em si não traz emoção.

Revelação: A notícia pode ter, além de informação, qualidades literárias?

Alcione: Eu entendo o que você quer dizer, que isso pode ser chamado de literatura. É verdade. Mas fica mais claro, mais objetivo, se você dizer que quando o jornalista tem sensibilidade pode trazer a emoção do acontecimento para o texto. Ele informa também as emoções que estavam envolvidas, e não apenas o fato. Quando você traz a emoção você humaniza, e o leitor adora isso! A questão aí é verificar jornalistas que renunciaram a esse tipo de poder descritivo, subjetivo – e portanto autoral – para serem técnicos em comunicação. E aí que está o suicídio, porque o técnico de comunicação faz um texto pobre, direto, que ele supõe que seja objetivo e supõe que seja imparcial – porque não existe nem objetividade nem imparcialidade, você sabe disso. É o jornalismo da Folha: um carro azul se chocou com um carro preto. Quatro vítimas. A polícia foi notificada. Cabô!

Eu sou um ser humano, cara! Não sou um computador. Eu leio e aquilo não tem nenhum impacto em mim. Fica completamente frio, impessoal. Eu não sei o nome de ninguém, como foi o acidente. Eu estou falando de acidente só pra ser eloqüente. Mas poderia ser um outro episódio.

issuu-downloader.com

Se você vai lá fazer uma cobertura do Lula que foi fazer um discurso na ONU, é claro que o discurso do Lula é importante, mas se você agregar ao discurso do Lula que ele estava trêmulo antes... que ele ficou olhando o tempo todo para o George Bush... que o George Bush o ignorou... e que ele olhou para o Kofi Anan... e o Kofi Anan piscou um olho pra ele... se você descrever esse contexto eu vou lendo essa matéria cada vez com mais interesse. Na hora em que eu ler o momento do Lula subir na tribuna, eu já estou tremendo! (risos)

Revelação: É quase uma criação literária, ou é de fato uma criação literária?

Alcione: É uma descrição objetiva de um fato real. Porque não se trata de nenhum fato imaginário. Aconteceu de fato! Mas o negócio é você ter talento de descrever o fato real. Aí ele fica literário. Literário no bom sentido.

Revelação: Você gosta do termo jornalismo-literário?

Alcione: Eu acho que ficaria mais objetivo, pra você levar aos editores – porque jornalistas têm pavor de literatura – se você disser que fez uma matéria "emocionante". Assim eles gostam, porque o leitor gosta. Mas eles odeiam literatura.

Revelação: Você disse literário "no bom sentido". Há literário no mau sentido?

Alcione: Para alguns repórteres. Eles supõem que literário é um arranjo de palavras que vêm com frases feitas; e não é isso que nós estamos falando. Estamos falando do repórter que tem sensibilidade para capturar as emoções que estão em torno e os detalhes que estão em volta. É isso que humaniza os fatos. Olha só como ficou extraordinário o fato de o Gilberto Gil convencer o Kofi Anan a bater tambor! Remete aos antepassados de Kofi Anan na tribo dele na África!

Revelação: A ambos. Seus tataravós poderiam ter sido colegas!

Alcione: Pois é, sem fronteiras musicais! E hoje ocupando cargos de representação importante! E de repente estavam lá, dois negros com sua pujança, com sua cultura de bater tambor, etc. Quanta emoção há nisso! E se o repórter diz assim: *na cerimônia o secretário Geral da ONU tocou tambor e o Ministro da Cultura tocou violão,* ele simplesmente não me disse o que aconteceu. (pausa retórica)

Nesse caso, a sorte é que tinha televisão, e eu sei decodificar a imagem da televisão. Aí aparece outra vez a escolaridade. A imagem solta, quando não sabemos interpretá-la, não significa muito. Porque interpretar uma imagem exige de você uma correlação de conhecimentos interpretativos, significativos, que a baixa escolaridade não dá instrumentos para isso.

Revelação: Essa relação entre ficção e jornalismo está em debate, especialmente por causa da farsa Gugu-PCC. Mas independente desse caso, a pergunta é a seguinte: é legítimo que o jornalismo se utilize de algumas "criações" dentro do texto para tornar a verdade mais explícita?

Alcione: Absolutamente legítimo. É não só legítimo como muito importante! Os grandes jornalistas fazem isso. Uma vez incumbiram o Norman Mailer de cobrir uma luta de boxe. [Nota: o livro *A Luta* (Cia das Letras, 1999), de Norman Mailer, narra a disputa de boxe entre Muhammad Ali e George Foreman, realizada no Zaire, em 1974]. O Norman Mailer ia para o hotel onde estava o lutador, contava o que acontecia na véspera, na preparação... e aquilo era literatura? Era. Mas era jornalismo! Ele não estava lá fazendo frases-feitas, adornos verbais. Ele estava descrevendo como o cara estava emocionado, o que havia comido na véspera, a preocupação do técnico, o medo, todas essas coisas. Eu acho isso fundamental!

Revelação: Você diz isso como escritor ou leitor?

Alcione: Eu, como leitor, eu... pô! Se o cara te dá como foi a véspera daquela luta histórica, depois vai me contando o que se passava na cabeça do lutador, do treinador, me faz ver o público urrando nas arquibancadas, vai me levando ao ringue... é tudo o que eu quero! Uma vez chamaram o Gore Vidal para ir reportar uma eleição no Memphis. Ele vai lá e conta. Só que o olhar dele não está interessado só no que é explosivo da notícia, mas em tudo que cerca o acontecimento.

Nesse momento, ainda no saguão do hotel, Alcione se despede e brinca com uma colega que saía para o almoço. "Eu vou almoçar sozinho?? Vou ligar para o seu marido! Você me abandonou! (risos)". E continua...

Tem muito jornalista que tem potencialidade para escrever, mas que tem uma visão de jornalismo acanhada, de técnico em comunicação, que diz que não toca na emoção porque só pode se ater ao fato objetivo. Ora, a emoção não é um fato objetivo?

A imagem solta, quando não sabemos interpretá-la, não significa muito. Interpretar uma imagem exige de você uma correlação de conhecimentos

Revelação: Vou te deixar almoçar. Mas fala só mais uma coisa. Você foi convidado a fazer o roteiro do filme da vida do Betinho. Como está o projeto?

Alcione: Olha, eu nem sei sobre o futuro desse filme. Aconteceu o seguinte: eu pretendia que o filme enfocasse toda a vida do Betinho. Mas depois o produtor achou que o enfoque deveria ser em cima da campanha da fome, que foi um momento importante e tal. Eu disse que não! A vida do Betinho como um todo é que é importante. Porque o Betinho venceu inúmeras doenças, era uma pessoa com uma fragilidade enorme, e no entanto uma pessoa que teve o poder de mobilizar o país. É isso que me interessa. O episódio da fome, na verdade, o que importa não é propriamente a mobilização, mas é colocar o tema na agenda nacional. E hoje, com o governo assumindo o Fome Zero, tornou-se um programa institucional. O que confirma que isso não é o mais importante.

Escritor conversou com leitores no auditório da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro

Agora, o Betinho teve exílio, teve hemofilia; portanto, sua vida, desde criança, foi cheia de restrições – ele não podia andar de bicicleta, não podia andar a cavalo, não podia fazer quase nada. Depois Betinho teve um problema de um acidente na perna, depois descobriu que era soropositivo após uma transfusão de sangue; ele experimentou o exílio; antes de entrar na clandestinidade trabalhou de operário em São Paulo; isso tudo é uma trajetória de vida importantíssima! No Chile ele quase foi morto! Foi expulso do Chile, foi ao México, ao Canadá, a Estocolmo, tudo correndo!

Revelação: Você não pensa em fazer uma biografia do Betinho, em jornalismo-literário, por exemplo?

Alcione: Uma editora uma vez me propôs isso. Mas eu achava que o filme seria mais interessante. Mas o produtor ficou em torno da família... aliás, há uns dias atrás ele me ligou. Eu discuti isso até com o Frei Beto, discuti com o filho do Betinho, com a Maria (última a mulher de Betinho)... Já pensou uma vida como essa, cheia dessas coisas? Eu imagino o Betinho, que adorava futebol, na pelada das crianças. Ele ficava do lado de fora! Imagina, ele era criança ainda e viu o irmão mais velho cair do armário, sofrer uma hemorragia e morrer, porque era também hemofílico. Então aquilo estava dentro dele. A mesma doença que tinha o Henfil e os irmãos. Foi morrendo um, foi morrendo outro, o Betinho ficou por último, sabendo que ia morrer disso. Sabendo que ia morrer ele fez a campanha contra a fome. Sabendo que ia morrer ele fez a lei de circulação de sangue, impedindo a comercialização de sangue.

Tem muito jornalista que diz que não toca na emoção porque só pode se ater ao fato objetivo. Ora, a emoção não é um fato objetivo?

Assim, centrar na mobilização da fome só porque ela é "espetaculosa", eu não acho relevante. Acho que deveria ser parte do filme, mas o roteiro não pode ficar só em torno disso. Mas o produtor tinha idéia de envolver os artistas, e tal. E na verdade esse foi um momento em que, como o Betinho era muito esperto, conseguiu a adesão da mídia e chamou os artistas, pessoas que tinham simpatia popular. Foi uma estratégia inteligente que ele teve. Mas eu acho que a nossa participação, como artista, era inteiramente secundária, era só pra fazer o auê mesmo. E fazer um filme sobre isso não é relevante. Agora a vida do Betinho... Eu ainda discuto com o produtor, eu penso que com o tempo ele possa mudar.

Revelação: Você citou a família. O que eles acham?

Alcione: Olha, todo personagem que tem dois ou três casamentos, com filhos nesses casamentos... essas ex-mulheres, viúvas, têm visões diferentes... E eu não queria fazer um filme com o Betinho "santo"! Eu queria fazer um filme com o Betinho "homem".

O Betinho fez uma puta sacanagem com a mulher dele no Chile. Ele abandonou a mulher em Santiago e casou com outra. Os dois estavam na clandestinidade. E ele largou o filho com a mulher. Casou com outra e se mandou para o México. Isso é uma puta sacanagem e eu acho que isso tinha que estar no filme. Porque ele era homem, como o Santo Agostinho, entendeu? Santo Agostinho tinha fé, mas escorregava. Mas era um homem! Nas confissões ele diz: *há momentos em que perco a fé, eu peco, eu sou um homem!* A igreja de Santo Agostinho é do século 4, e só no século 5 ele vira santo. A igreja ficou 300 anos discutindo se ele seria santo ou não, porque ele era um mero professor de teologia. Nas *Confissões* ele diz tudo da vida dele. Por que não vamos dizer da vida do Betinho?

Betinho era um homem! Eu convivia com ele, nós tomávamos cerveja. Ele era imprudente, em muitas coisas. Em negócio de correr de carro, ele enfiava o pé no acelerador! E ele próprio não gostava dessa imagem de santo. Entendeu? Eu acho que até humaniza. Ninguém é santo. Então eu acho uma bobagem filmes como esse do padre Rossi, isso é uma tolice! Misturar padre com Xuxa, com Gugu... isso é palhaçada!

issuu-downloader.com

Sociedade

Faces do desperdício

Brasil - um império do desperdício de comida

Wagner Fonseca
7º período de jornalismo

Somos uma nação com clima, solos, riquezas naturais e minerais de dar inveja a qualquer país de primeiro mundo.

Temos matéria-prima para a industrialização de inúmeros produtos no exterior. Somos um país certo no lugar exato, um país realmente bonito por natureza e produtivo por excelência.

O Brasil de 177 milhões de habitantes tem reconhecimento internacional, seja na produção agrícola ou nas indústrias. Uma nação emergente, um gigante que não está mais adormecido. Na verdade, somos um "golias" que tem incomodado muitos países adeptos aos subsídios para a produção.

Uma boa demonstração da nossa eficiência produtiva vem das lavouras espalhadas por este "rincão sem fim".

Um exemplo é a produção de grãos. Na última safra, as lavouras brasileiras produziram 115,2 milhões de toneladas de produtos como milho, soja e feijão. Uma colheita farta e cheia de bons frutos. Para se ter uma idéia da capacidade brasileira de produzir no campo, nos últimos 13 anos a área plantada no Brasil cresceu 12% e a produção física, 99%, ou seja, a produtividade no campo aumentou 74%. Isso significa que produzimos mais em uma área que pouco cresceu.

Na última safra, as lavouras brasileiras produziram 115,2 milhões de toneladas de produtos como milho, soja e feijão

O resultado desse crescimento alimentar é explicado pelas tecnologias aplicadas no campo. Desde pesquisas elaboradas nos mais importantes laboratórios de empresas especializadas no ramo até o uso de equipamentos modernos de plantio e colheita. São máquinas computadorizadas, guiadas por satélites e que, no fim do dia, emitem o resultado da colheita dando números precisos sobre a quantidade de grãos colhidos. Uma tecnologia comparada à mesma utilizada em países como Estados Unidos e Austrália.

Na produção de carne o Brasil é também uma potência. Em 2002, o país produziu 17,2 milhões de toneladas de carne (bovina, suína e aves) e a quantidade exportada superou a casa dos de três bilhões de dólares.

Toda essa atividade, conhecida como agronegócio, representou no ano passado 29% do Produto Interno Bruto, o que gerou mais de RS 424 bilhões. O agronegócio brasileiro gera hoje 37% do total dos empregos e 41% do total de exportações nacionais.

Mas no Brasil, que tem condições de produzir alimento para o mundo, existe um contraste grotesco e que em muitas vezes nos deixa envergonhados. Ao mesmo em tempo que estamos produzindo no campo, criamos condições que levam diariamente para o lixo milhares de produtos que poderiam alimentar quem sofre com a fome no país.

A comida que vai para o lixo é transformada em adubo orgânico

Captura de vídeo / imagens: Decio Luiz

Todos os dias, milhares de toneladas produtos que poderiam ser reaproveitados em vez de serem jogados ao lixo são desperdiçados

Todo santo dia, 39 mil toneladas de comida em condições de alimentar um ser humano alimentam uma outra boca, a do lixo. O desperdício é gerado em restaurantes, mercados, feiras, fábricas, quitandas, açougues e até mesmo dentro de nossa própria casa. O que se joga fora, é suficiente para dar café, almoço e jantar diariamente a 19 milhões de pessoas. Os dados fazem parte de uma pesquisa divulgada pela revista *Superinteressante*, na edição de março deste ano. A revista levou em consideração apenas o que poderia ser aproveitado facilmente, sem grandes mudanças no processo de produção ou de distribuição.

Enquanto muita comida é jogada no lixo, mais de 44 milhões de brasileiros vivem na linha da miséria. Do total, quase 20% de toda essa gente efetivamente passa fome no Brasil.

Todo santo dia, 39 mil toneladas de comida em condições de alimentar um ser humano alimentam uma outra boca, a do lixo

Mas por qual motivo atingimos essa condição desumana e contrária aos direitos humanos? Para o ministro extraordinário da Segurança Alimentar, José Graziano, entrevistado durante as programações da Expozebu, em Uberaba (MG) , a resposta é o modelo econômico brasileiro que ao longo dos anos concentrou renda e gerou o desemprego. Ou seja, o problema da fome no Brasil não é a falta de comida mas a má distribuição de renda no país.

O resultado desse círculo vicioso, tem sido o surgimento de uma classe de brasileiros sem condições de garantir a própria sobrevivência. "Esse mesmo círculo vicioso também leva parte da população brasileira a consumir menores quantidades de alimentos e, se não bastasse, faz cair o preço dos produtos agrícolas. Com isso há o empobrecimento de milhares de produtores que se vêem obrigados a partir para os grandes centros", analisou o ministro.

O Fome Zero e a "Esperança Nacional"

No início de ano, o governo Lula lançou o Programa Fome Zero. Um projeto que estava engavetado no Instituto Cidadania, entidade independente e apartidária, fundada pelo atual presidente há dez anos.

O Fome Zero tem como proposta arrecadar fundos para o combate à fome de mais de 27,3% da população nacional, gente com renda insuficiente para garantir uma alimentação satisfatória. O projeto foi anunciado como prioridade de governo no primeiro discurso aberto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na manhã seguinte à eleição do ano passado.

O programa foi elogiado por várias organizações internacionais, entre elas, a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura). Desde que foi implantado até a data de 22 de agosto, o Fome Zero arrecadou

issuu-downloader.com

R$ 4.549.493,51, dinheiro que faz parte do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza.

O ministro Graziano, um dos idealizadores do projeto, sustenta que o Fome Zero tem gerado uma rede de solidariedade em todo o país. "Essa rede de solidariedade se rompeu ao longo dos anos de crise e de disputa no Brasil. Hoje, nós podemos ter novamente um Brasil que se una em torno de um projeto nacional como o Fome Zero", declarou o ministro.

Segundo o ministro o programa tem criado uma consciência igualitária na mente de inúmeros brasileiros. Para se ter uma idéia, a cada dia, de seis a oito mil ligações são atendidas no Ministério Extraordinário da Segurança Alimentar (MESA) em Brasília.

As ligações são originárias de várias regiões do Brasil. São propostas de projetos, pedidos para trabalhos voluntários e uma série de iniciativas da sociedade civil, Ong's e empresas privadas de todo o porte.

O ministro Graziano aponta que esses apoios não são apenas gestos momentâneos, mas compromissos ao longo do governo Lula. Então isso significa que a contribuição nacional vai resolver a problemática da fome no país ? A resposta, infelizmente, é negativa.

Neste exato momento, enquanto muita gente congestiona as linhas do "ministério da fome", pouco tem sido feito para se combater o desperdício alimentar no Brasil. As pessoas querem saciar os famintos, mas desconhecem que a cada minuto estão contribuindo com o esbanjamento alimentar.

Adubo orgânico

Em Belo Horizonte, capital mineira, com uma população de mais de 2 milhões de habitantes, diariamente é gerada uma média de 4,5 mil toneladas de lixo. Metade desse lixo é entulho de construção civil. O lixo domiciliar e comercial representa 1,8 mil toneladas. Deste total, 1,1 mil toneladas é composto por matéria orgânica. Os dados fazem parte de uma pesquisa de caracterização do lixo realizada em 1995.

Ao longo dos tempos, o serviço de coleta percebeu que entre o lixo orgânico havia uma quantidade enorme de produtos alimentícios. Produtos que, se fossem tratados antes de chegar aos latões, poderiam, de alguma forma, ser reaproveitados.

Hoje a prefeitura desenvolve um projeto que transforma o material orgânico recolhido na cidade em compostagem, uma forma de reaproveitamento de alimentos. Uma ação que tem dado um outro rumo à comida que foi jogada fora.

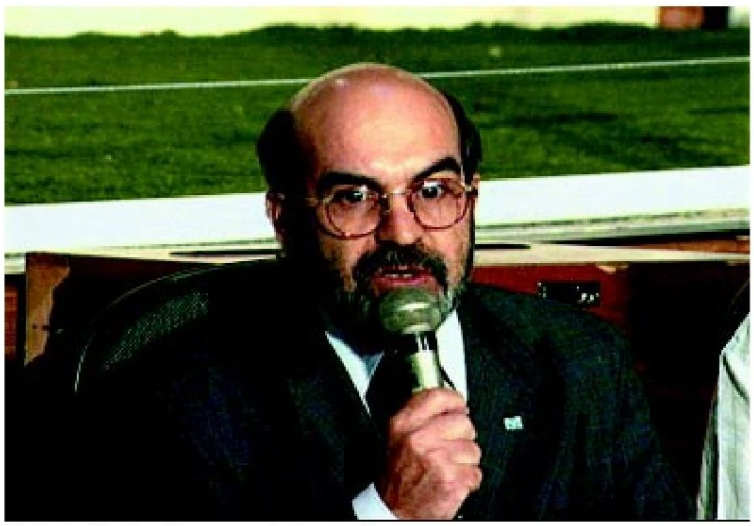
O serviço de coleta de Belo Horizonte percebeu que entre o lixo orgânico havia uma quantidade enorme de produtos que poderiam ser reaproveitados

Os caminhões da prefeitura recolhem o resíduo orgânico em mais de 50 sacolões da capital. A matéria orgânica é misturada à podas de árvores efetuadas pela Cemig (Companhia Energética de Minas Gerais).

O material é revirado e através de um processo biológico, em um período de 120 dias, é transformado em adubo que vai ser utilizado nas hortas de escolas, creches comunitárias e em projetos paisagísticos da cidade.

A média de produção do adubo orgânico é de 70 toneladas/mês. O material é produzido no aterro sanitário que fica na BR-040, bairro Jardim Filadélfia. É uma espécie de tratamento a Lavoisier (Antoine Laurent Lavoisier – Paris, 1743-1794) - *tudo se transforma.*

Mas segundo a engenheira sanitarista Patrícia Dairo, responsável pelo trabalho de produção do composto orgânico, o projeto poderia atender toda a capital mineira e não só as 3 regiões cadastradas. Para isso, seria necessário mais investimento financeiro e de pessoal.



Minstro José Graziano: "A esperança é o Fome Zero"

A pequena Celaine espera pela sopa do fim do dia

A engenheira, que está à frente de uma nova pesquisa de caracterização do lixo na cidade, cita um dado alarmante e que pode fazer com que a Prefeitura de Belo Horizonte amplie o projeto. Caso os dados se mantenham nos níveis atuais, ao final do ano será constatado que 50% do material orgânico que vai para os latões de lixo é alimento, comida que poderia matar a fome de inúmeras famílias que vivem na capital. Um exemplo vivo da cultura do desperdício no país.

"O Brasil é considerado o rei do desperdício de comida. Infelizmente, perdemos muitos alimentos principalmente por falta de acondicionamento adequado", diz Patrícia Dairo.

Olho maior que a barriga

Auxiliar de cozinha Sebastiana Santos, mãe de três filhos, de segunda à sexta deixa as crianças em casa para trabalhar no restaurante Delle's, um ponto comercial que atende inúmeros trabalhadores do bairro Ipiranga, na região Noroeste de Belo Horizonte.

De manhã ela prepara a comida que vai ser servida no self-service pelo preço de R$ 3,90. Com o valor pode-se comer à vontade, e os pratos são bem apetitosos. Desde um quiabinho com angu, comida típica da culinária mineira, a um bom churrasquinho de picanha de boi preparado na chapa. Se o cliente preferir pode pedir com bastante cebola!

São mais de 30 receitas bem expostas nas bandejas. A clientela chega sedenta por comida e enche o prato.

O motorista autônomo Hélder Pereira, freqüentador assíduo do restaurante, em meio a uma montanha de arroz, batata frita, macarronada, frango grelhado e tutu, se mostra fartado. A gula foi tanta que ele comeu, comeu e ainda deixou no prato quase duzentos gramas do que foi servido minutos atrás.

De 15% a 50% do que é preparado para atender a clientela nos restaurantes vai ser recolhido pelos caminhões de lixo

Toda gulodice vai ser um trabalho a mais para a Sebastiana. O que sobrou no prato do motorista autônomo Hélder Pereira é jogado no lixo juntamente com a sobra de inúmeros pratos. Comida que segundo a auxiliar de cozinha daria para alimentar os filhos que ficaram em casa. "É muita tristeza jogar fora toda essa comida. Agora esse desperdício vai alimentar uma outra boca, a boca desse balde de lixo. Essa comida dá para alimentar um ser humano. Talvez hoje, nem na minha casa vai ter uma comida assim para eu alimentar os meus filhos", lamenta a funcionária vendo a comida cair no balde.

O comerciante, Heraldo Cota Oliveira, já no ramo de restaurantes há 30 anos, resolveu no ano passado implantar um sistema para que os clientes não deixem sobrar comida no prato. Ele afixou no interior e na fachada do estabelecimento inúmeros cartazes que dizem: " Repita, mas sem desperdício!".

A idéia , segundo o comerciante foi bem aceita no início, mas hoje a clientela ainda insiste em deixar sobras de comida no prato.

" A gente até que tenta, mas mudar a cultura do cliente é difícil", comenta.

Além da comida que sobra nos pratos dos clientes, a comida que restou nas bandejas e que não foi utilizada também vai parar na lata do lixo. É alimento limpo, como macarrão, saladas e carnes. Mas esse desperdício alimentar não é pura maldade. No Brasil que tem fome, os comerciantes de bares, lanchonetes e restaurantes preferem jogar o excedente industrializado no lixo. É uma medida para evitar problemas legais, como ter que arcar com a responsabilidade civil e criminal no caso da comida intoxicar ou causar a morte de alguém.

Como resultado, a comida que é descartada nesses estabelecimentos representa mais da metade do lixo produzido por ano no país. Ou seja, de 15% a 50% do que é preparado para atender a clientela vai ser recolhido pelos caminhões de lixo. Dados da Ação de Cidadania do Rio de Janeiro, todo esse desperdício daria para alimentar diariamente mais de 10 milhões de pessoas.

Segundo o Ministro José Graziano, desonerar o doador de boa fé da responsabilidade civil e criminal por dano ou morte de alguém que se alimenta de comida doada é um problema para o Ministério da Fome. "Vamos trabalhar para que as pessoas possam doar alimentos sem a preocupação de serem processadas no futuro. O Brasil não pode conviver com a fome e com a miséria", afirma Graziano.

Atualmente o projeto do atual governador do estado do Ceará, Lúcio Alcântara que trata do assunto, está parado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara em Brasília. O projeto foi elaborado na época em que o governador era senador pelo estado cearense. Além da ação contra as doações dos excedentes, existem outras medidas para minimizar o sofrimento de inúmeros brasileiros como, por exemplo, isentar as indústrias de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) relativo à doação. Hoje as indústrias ou fábricas que desejam doar qualquer espécie de alimento precisam pagar o imposto desses produtos.

As medidas fazem parte de um pacote de leis chamado Estatuto do Bom Samaritano, parado no Congresso Nacional. O estatuto inclui também o desconto do Imposto de Renda para quem doar comida ou máquinas que industrializem os alimentos, esse desconto, já existe para as empresas que contribuem com doações em dinheiro.

issuu-downloader.com

Fome e desperdício

Ações de combate

CEASA de Belo Horizonte transforma comida descartada em sopa para centenas de famílias

Era o ano de 1991. Na época, a administração da Ceasa em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, constatou que havia um grande desperdício de hortigranjeiros na unidade. Por mês, eram mais de 100 toneladas de produtos entre material jogado no lixo, os descartados pelos produtores e os alimentos apreendidos pela Central. Alguns desses produtos ainda estavam em condições de consumo, o que gerava uma quantidade enorme de catadores nos pátios da unidade.

Em 93 a Ceasa comprou um projeto desenvolvido pelo (IMT), Instituto Mauá de Tecnologia em São Paulo. O projeto tratava da transformação de alimentos que apresentavam algum problema estético em um composto alimentar.

Hoje o Vitasopa é viabilizado através da parceria da Ceasa com o governo estadual

No ano seguinte, a diretoria da Ceasa instalou na própria unidade uma fábrica para o aproveitamento dos excedentes agrícolas de comercialização. Assim foi possível transformar produtos que iriam para o lixo, em um composto alimentar com um ano de validade. Surgiu então o Vitasopa. Uma lata que, depois da industrialização dos alimentos, recebe 4 quilos de produtos como tubérculos, legumes, folhosas, cereais, proteína animal e vegetal, óleo de soja e condimentos.

Hoje o Vitasopa é viabilizado através da parceria da Ceasa com o governo estadual. O projeto, pioneiro no Brasil, passou por algumas dificuldades durante a implantação. O principal problema foi a ausência de técnicos especializados que pudessem dar suporte à parte operacional. Porém, a dificuldade foi resolvida com a presença do

técnico Cláudio José Machado, que impulsionou o projeto e montou uma equipe para preparar a sopa.

"Nós estamos transformando produtos hortigranjeiros com vida útil na prateleira de três dias, em um produto com um ano de validade, e melhor, sem conservante", destacou o diretor de produção da Vitasopa.

O preparo da sopa é simples: basta colocar o conteúdo da lata em uma panela, acrescentar água fervida e mexer um pouco. Com cada lata do Vitasopa, é possível preparar 35 pratos. Atualmente, o custo de cada prato gira em torno de R$ 0,13. Desde que o Vitasopa foi criado foram produzidas na fábrica mais de 175 mil latas, que atendem várias regiões da capital mineira a que têm saciado a fome de crianças e adultos.

Antes de chegar à mesa do beneficiado, a sopa passa pelas análises de substância e microorganismos. Só assim é liberada para o consumo. Além disso, o projeto é fiscalizado pela vigilância sanitária e por outros órgãos do governo estadual como o IMA (Instituto Mineiro de Agropecuária).

Captura de vídeo / imagens: Decio Luiz

A auxiliar de cozinha e a comida que sobra nos pratos: lixo

Vigília pela sobrevivência: garoto protege comida que foi recolhida do chão da Ceasa

A Ceasa de BH dá um outro destino à comida que seria descartada

O Vitasopa foi adotado pelas Ceasas de Pernambuco, Bahia, Ceará e Paraíba. Para o diretor da unidade de Contagem, Altivo Santos, o projeto pode atender também cidades de menor porte. " O Vitasopa pode ser expandido para várias regiões produtoras. Queremos que esta ação se torne referência. Queremos ser uma espécie de franqueadora, a nossa missão é nacional", destaca.

"Assim como eu, muitos outros donos de restaurantes querem ajudar, mas não podem, por problemas legais"

Driblando a lei

Mesmo sem o respaldo da lei, e sabendo das complicações que por ventura podem acontecer, o proprietário de um restaurante do centro de Belo Horizonte decidiu transformar a comida industrializada que sobra nas bandejas em sopa. Todos os dias, ao fim do expediente do almoço, o cozinheiro do restaurante volta para a cozinha e prepara a sopa com o que não foi utilizado. O caldo vai atender mais de trezentas pessoas que vivem no Morro do Papagaio, um aglomerado de favelas na região sul da capital mineira e que enfrenta um problema sério com a fome.

A distribuição é feita pela viatura da polícia militar comandada pelo cabo Tristão, lotado na 124ª Companhia do 22º Batalhão da PM. Sempre no fim da tarde surge a viatura na boca do morro trazendo um panelão industrial cheio de sopa e recém-tirado do fogo. Comida que já é cardápio garantido para a pequena Celaine, uma garotinha de oito anos de idade, que tem na ponta da língua os ingredientes da sopa solidária: arroz, feijão, macarrão, verdura e lingüiça.

Ela e um irmão menor sobem o morro com uma panela para recolher a sopa que vai alimentar mais gente na humilde casa onde vive com a família. Perguntada sobre o que acha da sopa, ela resume ao estilo mineiro mesclado à inocente opinião de uma criança que tem a fome como companhia. " Todo mundo aqui gosta, uai!", diz, segurando a panela.

Infelizmente, a sopa não atende todo o pessoal, e há quem volte para a casa com a panela vazia e o desejo de esperar mais um dia, mais um dia para ter o que comer.

O proprietário do restaurante que doa a comida, teve o nome resguardado aqui para evitar problemas judiciais. Para ele é preciso que as leis de doações sejam revistas. "Assim como eu, muitos outros donos de restaurantes querem ajudar, mas não podem. É vergonhoso eu ter que omitir o meu nome e o do meu estabelecimento. Mas mesmo estando incorreto, eu vou continuar doando o excedente. Posso esconder o rosto, mas não vou fugir do meu dever de cidadão", desabafa. **(W.F.)**

Fontes: Ministério da Agricultura
www.fomezero.com.br

issuu-downloader.com

Educação

Meu mestre, meu amigo!

Professores dedicados ganham reconhecimento pelo trabalho e fazem verdadeiros amigos dentro de sala de aula.

Erika Machado
6 período de Jornalismo

Professores pelo mundo afora tomam para si a missão de ensinar. Ensinar não só letras e números, mas ensinar paz, esperança, solidariedade, coragem. Neste dia 15 de outubro, todos eles, anônimos ou não, merecem uma homenagem.

Lidar com pessoas. Eis a maior riqueza da profissão de professor. Doar-se ao exercício da profissão de forma competente, comprometida, séria, rigorosa, responsável, bom, isso é o que se espera de qualquer profissão, mas para quem escolhe a carreira de educador sabe que tem pela frente grandes desafios.

Professores pelo mundo afora tomam para si a missão de ensinar. Ensinar não só letras e números, mas ensinar paz, esperança, solidariedade, coragem

O gosto pela leitura e a facilidade de interpretar e produzir textos transformou a então sonhadora aluna das aulas de português, na admirada professora de literatura. Há 23 anos Leila Afonso assumia a responsabilidade de uma sala de aula e a paixão pela sua profissão.

Dedicada, enfrenta as dificuldades da carreira, como os baixos salários e falta de valorização da profissão. Funcionária de uma escola pública, lamenta a falta de investimento dos governos em relação à educação que acarreta na sobrecarga de aulas comprometendo a qualidade do ensino.

Como professora sabe que a escola é uma extensão da casa, onde estudantes passam pelo menos meio período do dia. Por isso a importância de um professor, vai além de ensinar teorias e fórmulas , a educação das crianças e jovens abrange também a socialização dos alunos.

Mas do que professores, esses profissionais são educadores e precisam estar comprometidos em preparar os estudantes da melhor forma. Leila acredita que o desejo de todo professor é contribuir para que os alunos se realizem na vida.

Nas salas de aulas, conhece-se alunos que vibram, que choram, que se admiram, que se irritam, que se desafiam, que dormem, que se apaixonam, que fogem, que fingem, que se enganam colando, que buscam de fato, algo que faça diferença em suas vidas.

Os professores, claro, participam dessas experiência e são, em parte, responsáveis pelas vitórias, ganhando o reconhecimento pelo trabalho bem feito, Leila sente-se orgulhosa quando reencontra os ex-alunos que demonstram carinho e saudades dos tempos de colégio. Hoje já profissionais, sabem reconhecer a importância de uma boa base escolar, e o papel de um bom professor.

E tem ainda os alunos especiais que ganham uma relação além professor-aluno, que são amigos e dividem planos e desejos. Esses devolvem a expectativa de tudo aquilo que investiu na sala de aula, Para a professora de literatura, a maior frustração ainda é a falta de compromisso de muitos alunos, mas, a maior alegria continua sendo participar do sucesso dos que conquistam um futuro brilhante.

Melina Afonso

A professora Leila Afonso diante da responsabilidade de ensinar e da sua paixão pela profissão

Desisitir nem pensar! Nem baixos salários, nem desvalorização fazem Leila, mudar de carreira: " Não consigo me ver em outra profissão". Aposentar, sim mas não deixar de ensinar : o seu grande sonho é continuar o trabalho, só que de uma forma diferente, se tudo der certo ela pretende morar em uma tribo indígena, fazendo um trabalho voluntário que pode ser alfabetização de adultos, difundindo a literatura e os grandes autores a alguém que não teve oportunidades. Para ela será uma experiência que lhe dará muito prazer. Sonho digno de quem se dedica a ensinar VIDA!

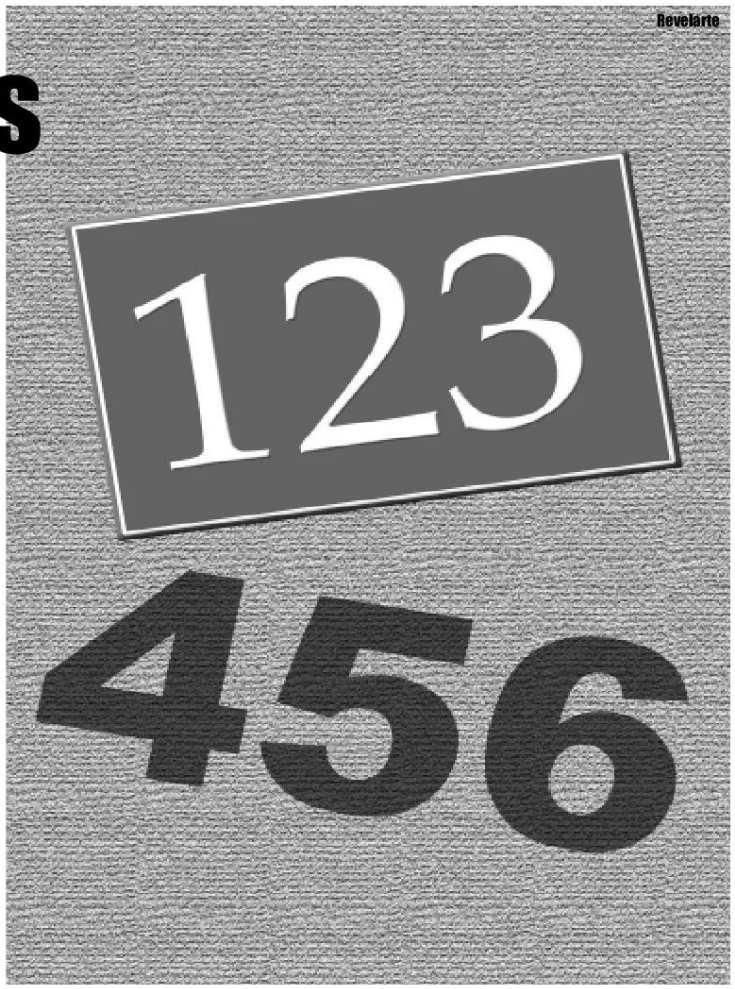
issuu-downloader.com

Cidade

Duplos números

Duplacidade de números em imóveis da cidade prejudica àqueles que seu trabalho dependem exclusivamente deles

Keyla Cristina
6º período de Jornalismo



Revelarte

O dia amanhece e mais uma vez a correria está para começar. Com a brisa da manhã no rosto, Paulo se direciona a empresa onde trabalha. E o tempo tem que ser seu aliado na hora de fazer as cobranças. Boletas na mochila, está na hora de tentar descobrir o local a ser entregue o que lhe foi direcionado durante o dia. É o momento mais difícil. Após encontrar a rua, olha para um lado, para o outro e o que não faltam são números. Até mesmo três em cada imóvel. E o que fazer? Pede informações para o morador do local e depois de longa procura, ali está, a casa que tanto procurava.

Em Uberaba todas os imóveis foram recadastrados há sete anos atrás. Novos números foram afixados, mas os antigos continuam

Em Uberaba todas os imóveis foram recadastrados há sete anos atrás. Novos números foram afixados, mas os antigos continuam. Para pessoas como Paulo Antônio Marques, entregador, e tantos outros que seu trabalho depende exclusivamente disso, este é um grande problema.

Ricardo Ducha, gerente do Centro de Tratamento de Cargas e Encomendas dos Correios, explica que na empresa a confusão só não é maior, porque os carteiros já acostumaram com seus itinerários. Mas quando o funcionário é novato, ele encontra grandes dificuldades. Ricardo alfineta explicando o motivo: " As pessoas deveriam se sensibilizar e utilizar apenas o novo número, fazendo a retirada do antigo. Informar apenas o correto para as pessoas no qual recebem correspondências". Um agravante maior é com os sedex, que normalmente são de grande importância tanto para o destinário quanto para o remetente, e o tempo hábil para entrega é menor. Quando não conseguem encontrar procuram até mesmo no catálogo para informar a pessoa que tem uma entrega para ela. No último caso, o jeito é devolver para a pessoa de origem, com a informação que o número é inexistente.

No departamento de Cadastro Mobiliário da Prefeitura da cidade todo imóvel possui seu relatório. Vera Lúcia Miranda, diretora do departamento, explica que 65% da população já se adequou e possuem apenas um número de correspondência, mas que a minoria gera problemas para os trabalhadores. O que é necessário é uma maior conscientização da população. O departamento possui o cadastro dos imóveis com seu número antigo e novo, caso algum morador necessite se informar. Segundo Vera, estão fazendo uma estatística para detectar melhor o problema e estudando a melhor maneira de estar através de campanhas mobilizando os proprietários da cidade. E ainda revela que a partir de agora, os números não serão mais de adesivos como anteriormente, será utilizado um material de maior durabilidade.

Para as pessoas que querem se informar sobre o número certo a ser utilizado pode estar entrando em contato com o departamento de cadastramento na Prefeitura Municipal de Uberaba, na avenida Guilherme Ferreira. O telefone de contato é o 3312-7744.

Enquanto isso, diferentes Paulos passam o dia a olhar de um lado para o outro a procura do número certo.

issuu-downloader.com

Vencendo o desemprego

Desempregados mantém a esperança e procuram vencer o estigma de excluídos da sociedade

Élida Borges Rodrigues
Mariana Costa Marajó de Carvalho
4º período Jornalismo

Calor, pessoas apressadas, de todos os tipos, vestidas das formas mais variadas possíveis, muito barulho, ônibus e carros passando, fumaça no ar... "Compra um algodão doce e ganha a máscara, só um real!!!" É o vendedor de algodão doce Gaspar Ferreira da Silva. Ele trabalha no calçadão da Praça Rui Barbosa há cinco anos, e antes de ser vendedor de algodão-doce ele viajava o Brasil vendendo bolas coloridas com um parque de diversões.

"Se você trabalhar para os outros, você não ganha o que você ganha trabalhando por conta própria"

Gaspar acorda todos os dias às 5 da manhã para fazer o algodão doce , chega no calçadão às 8h e fica lá até 16h; depois vai até a um colégio e fica lá até às 18h. Ele garante que dá para tirar uma renda de no mínimo R$20,00 por dia. No entanto, esse dinheiro não é suficiente para sustentar sua família. Ele diz que trabalhar na informalidade foi a solução para enfrentar a dificuldade de arrumar um serviço bem remunerado, ainda mais com pouco estudo. "Se você trabalhar para os outros, você não consegue o que ganha trabalhando por conta própria."

"Promoção do ano: moça feia, careca, banguela e desdentada não paga nada..."

Sobre a sua perspectiva de vida, o que ele espera, Gaspar diz: "A única coisa que eu peço a Deus é que não falte nada para mim, nem para a minha família, nem para ninguém. No resto, 'nóis' dá um jeito."

Mais abaixo no calçadão, no meio de tanta gente que sobe e desce no andar interminável de todos os dias, ouve-se "olha o isqueiro, Super Bonder, pilha, cortador de unha, cadeado, xuxinha de cabelo, vamo levá..." Ou então: "promoção do ano: moça feia, careca, banguela e desdentada não paga nada...". José Gonçalves Oliveira trabalha como vendedor ambulante há quarenta e um anos. No começo da sua "carreira", com 7 anos de idade, José Gonçalves diz que já fazia de tudo. Nessa época, segundo ele, só havia turcos e italianos no centro da cidade. Ele já vendeu de tudo na rua, matava porcos, carneiros, vendia galinhas, frutas, verduras e legumes. Seu José nunca teve outro trabalho, sempre foi vendedor.

"O trabalho às vezes atrapalha, porque tem as tarefas de casa e fica difícil"

"O estudo que eu tenho é só até o quarto ano, então tive que correr atrás e acho que o jeito mais fácil foi esse. Acho que não compensa trabalhar empregado, porque hoje eu tiro uma média de R$1.200 por mês, se eu trabalhasse como empregado tendo pouco estudo, o máximo que eu podia ganhar seria dois salários mínimos, R$480, o que não daria para eu sobreviver."

Apesar de algumas dificuldades, José Gonçalves acha que é um bom trabalho, e apesar de não ganhar muito dinheiro, consegue sustentar sua família de quatro pessoas. Sua jornada começa às 9h e pára às 16h. Segundo ele, não se vende mais nada no calçadão depois desse horário. "O que o diferencia dos outros vendedores é seu jeito de anunciar os produtos com irreverência. "A crise já tá feia, se eu andar por aqui de cara fechada, não vendo nada," afirma.

Um pouco mais abaixo, outro vendedor faz o seu trabalho. Só que esse não anuncia, não faz graça, apenas fica calado e espera que um cliente se interesse por seu serviço. É o menino Eliélson de Oliveira Costa, de apenas treze anos que trabalha como engraxate. Ele carrega seu material de trabalho nas costas e circula pelas ruas no centro há 3 anos. Mora no Bairro Costa Telles e vai para o centro todos os dias de bicicleta. Eliélson ganha cerca R$10 por dia, e o dinheiro que ganha com seu trabalho é só dele. Cursa a quinta série do ensino fundamental, e acha que seu trabalho atrapalha um pouco nos estudos. "O trabalho às vezes atrapalha, porque tem as tarefas de casa e fica difícil." Eliélson tem esperança de um futuro melhor. "Queria formar para policial civil"

Essas são pessoas que não tiveram grandes oportunidades na vida. Com pouco estudo, elas não se enquadram nos perfis dos profis-sionais do futuro; logo, acabam sendo empurrados ao mercado informal, uma luta diária para escapar do fantasma do desemprego. Mesmo assim, provam com sua força de vontade e coragem que é possível sobreviver trabalhando dignamente.

Leonardo Boloni

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com